



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XI (2010)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Igrejas e Capelas de Santa Catarina de Velha Goa

António Nunes Pereira 

Como Citar | How to Cite

Pereira, António Nunes. 2010. «Igrejas e Capelas de Santa Catarina de Velha Goa». *Anais de História de Além-Mar* XI: 31-62. <https://doi.org/10.57759/aham2010.37294>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2010. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2010. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

IGREJAS E CAPELAS DE SANTA CATARINA DE VELHA GOA

por
ANTÓNIO NUNES PEREIRA *

O contexto do presente artigo

A história da arquitectura da antiga capital do Estado Português da Índia, Velha Goa, tem oferecido uma dificuldade que, embora não rara nesta disciplina, assume neste caso proporções graves: o facto de muitos dos testemunhos arquitectónicos não só já terem desaparecido, como também tal ter acontecido ainda antes de serem registados cartograficamente ou descritos por um observador atento. Se, por um lado, hoje é possível localizar e reconhecer, pelo menos a nível da implantação, edifícios como o colégio de S. Paulo nos arredores da cidade ou o arsenal na margem do rio Mandovi com base, por exemplo, nas plantas das propostas de reconstrução pombalina da cidade de cerca de 1775-1777¹, no caso da fortificação da cidade ou da igreja de Santa Catarina de 1515 o mesmo já não é possível, pois ambas desapareceram antes de se terem elaborado documentos com o rigor das plantas pombalinas.

* Professor Associado da Escola Superior de Design/IADE, Lisboa.
Investigador da UNIDCOM/IADE, Lisboa.

¹ Trata-se de três plantas guardadas no Gabinete de Estudos de Arqueologia e Engenharia Militar, em Lisboa, com as cotas 1235-2A-24A-111, 1237-2A-24A-111 e 1241-2A-24A-111. As duas primeiras foram já publicadas por diversas vezes: Walter ROSSA, "A cidade portuguesa", in *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, vol. III, pp. 232-323; Pedro DIAS, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 52, e Helder CARITA, *Palaces of Goa*, Londres, 1999, p. 24; Walter ROSSA publicou também as duas plantas de José Morais de Antas Machado em Walter ROSSA, *Cidades Indo-Portuguesas*, Lisboa, CNCDP, 1997, pp. 44-45 e 47. Ver também António Nunes PEREIRA, "Der geplante Wiederaufbau der Stadt Goa unter Pombal" (A planeada reconstrução pombalina da cidade de Goa), in *Spanien und Portugal im Zeitalter der Aufklärung*, Actas do Simpósio Internacional da Associação Carl Justi e do Centro de Investigações do Iluminismo Europeu em Potsdam, de 19 a 22 de Fevereiro de 1998, Frankfurt/Main, Vervuert Verlag, 2002, pp. 569-574 e 578-579; António Nunes PEREIRA, *A Arquitectura Religiosa Cristã de Velha Goa*, Lisboa, Fundação Oriente, 2005, pp. 46-47 e António Nunes PEREIRA, "Três Planos Pombalinos para a Reconstrução de Velha Goa", in *ArteTeoria*, n.º 10, Lisboa, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 229-242.

No que se refere à arquitectura religiosa, este problema agrava-se quando se trata de edifícios com o mesmo orago. Aqui o problema pode inclusivamente consistir na dificuldade em identificar correctamente o edifício a que as fontes se referem. Este é o caso das igrejas e capelas dedicadas a Santa Catarina de Alexandria, das quais terão existido três (excluindo duas pré-existências efémeras), mantendo-se hoje apenas duas. As dificuldades acima mencionadas têm levado a que se perpetuem alguns equívocos na bibliografia relacionada com as “casas” de Santa Catarina. Eu próprio incorri num erro desta natureza, que se assinala mais adiante. O objectivo deste artigo é precisamente identificar e distinguir os diversos edifícios religiosos dedicados a esta santa através dos testemunhos arquitectónicos existentes e do cruzamento de fontes.

A razão da existência em Velha Goa de vários edifícios religiosos de orago Santa Catarina de Alexandria deve-se ao facto de Afonso de Albuquerque em 1510 ter conseguido tomar a cidade no dia dedicado a esta santa, 25 de Novembro.

Um dos principais equívocos relacionados com as igrejas e capelas de Santa Catarina consiste em considerar-se a actual capela de Santa Catarina, que se ergue a oeste da cerca do extinto convento de S. Francisco, como tendo sido a Igreja de Santa Catarina e, conseqüentemente, a primeira Sé de Goa². A fonte que desfaz inequivocamente este erro de interpretação é a crónica do jesuíta Sebastião Gonçalves (1555/1557-1619), *Primeira Parte da Historia dos Religiosos da Companhia de Jesus*³. Com efeito, Gonçalves menciona claramente a coexistência na primeira década do século XVII de três edifícios diferentes: a capela de Santa Catarina (a que chama ermida, realçando assim a sua pequena dimensão), a igreja de Santa Catarina, na

² Na base deste equívoco está possivelmente o trecho dedicado à sé de Goa por José Nicolau da FONSECA na sua obra *An Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*, Nova Deli, Madrastra, Asian Educational Services, 1994 (fac-simile, Bombaim, 1878), pp. 198-199, e que será abordado mais adiante. Também António Bernardo de Bragança PEREIRA, no seu artigo “Templos levantado em Goa por Afonso de Albuquerque”, separata de *O Oriente Português*, Bastorá, 1939, pp. 6-8, afirmou que a capela de Santa Catarina, erguida perto do local onde mais tarde se ergueu o Hospital Real, ampliada pelo governador Jorge Cabral e renovada em 1607, tinha sido construída em 1511 por Diogo Fernandes de Beja, por ordem de Afonso de Albuquerque, confundindo assim referências de dois edifícios diferentes. Este equívoco constata-se em algumas publicações, entre as quais: S. RAJAGOPALAN, *Old Goa*, Nova Deli, Archaeological Survey of India, 1987, p. 22; José Manuel FERNANDES, “Vestígios do Manuelino na Arquitectura Religiosa de Influência Portuguesa na Índia: Malabar, Coromandel, Goa”, in *Oceanos*, n.º 19/20, Setembro/Dezembro de 1994, p. 149. Também Pedro Dias sugeriu que a igreja de Santa Catarina de três naves teria sido o edifício que esteve na base da actual capela do mesmo orago (Pedro DIAS, *História da Arte...* cit., p. 68), equívoco que o historiador desfez numa publicação posterior (Pedro DIAS, *Arte Indo-Portuguesa. Capítulos da História*, Coimbra, Livraria Almedina, 2004, p. 90).

³ Sebastião GONÇALVES, *Primeira Parte da Historia dos Religiosos da Companhia de Jesus, e do que fizeram com a divina graça na conversão dos infieis a nossa sancta fee catholica nos reynos e provincias da India Oriental*, Coimbra, Atlântida, 1957-1962.

altura com a designação de Sé Velha, e a Sé Nova, nesta altura ainda em construção.

Os motivos para os equívocos que se têm perpetuado na bibliografia de investigação são diversos e justificam-se pelas próprias fontes, uma vez que estas são também frequentemente bastante confusas. Alguns destes motivos enunciam-se facilmente. O primeiro é o facto de, quer a igreja, quer a capela de Santa Catarina terem tido uma pré-estrutura precária e efémera, edificada em taipa e coberta com folhas de palha. Tal coincidência não é surpreendente, pois foi este o tipo de construção a que os portugueses recorreram imediatamente após a conquista de Velha Goa, antes de terem trazido para esta região os métodos construtivos que conheciam da Europa, como de resto aconteceu em diversas regiões do império. No entanto, esta situação esteve e continua a estar na base da dificuldade de identificar correctamente o edifício a que as fontes concretamente se referem. Outro motivo de equívocos prende-se com as designações de “casa” e “igreja”, utilizadas por vezes indiscriminadamente para igrejas e capelas, como é o caso do texto de Gaspar Correia (1496-1563), *Lendas da Índia*⁴. Algo de semelhante acontece nas três plantas pombalinas dos anos à volta de 1775-1777, nas quais a capela de Santa Catarina aparece representada com a designação de igreja.

A investigação desenvolvida sobre estes edifícios e aqui apresentada levou à identificação da seguinte cronologia: Possivelmente ainda em 1510 e por ordem directa de Afonso de Albuquerque (1462-1515, governador da Índia entre 1509 e 1515) foi erguida uma capela de taipa e coberta por folhas de palha junto ao local onde existia a porta da fortaleza Bijapuri⁵ por onde as suas tropas entraram em Velha Goa e perto do local onde se viria a erguer o Hospital Real. Esta capela de Santa Catarina foi posteriormente remodelada duas vezes, a primeira em 1550 pelo Governador Jorge Cabral, e a segunda em 1607, sendo hoje um dos poucos edifícios da cidade que se mantém de pé, localizando-se a poente do antigo convento de São Francisco. Independentemente desta capela, foi erguida em 1511 uma outra estrutura efémera de taipa e de cobertura de folhas de ola (folha de coqueiro) e palha, que sabemos ter-se localizado perto do Terreiro do Sabaio. Esta estrutura deu lugar em 1515 à igreja de Santa Catarina, que foi a primeira paroquial de Velha Goa e, a partir de 1534, a primeira Sé de Goa. Finalmente, numa data posterior a 1564, iniciou-se a construção da nova Sé de Goa, também dedicada a Santa Catarina, que ainda hoje se ergue no centro da desaparecida cidade, coexistindo estes dois edifícios (ou parte deles) por algum tempo. A igreja de Santa Catarina, entretanto designada por Sé Velha, terá sido por sua vez demolida durante as primeiras décadas do século XVII.

⁴ Gaspar CORREIA, *Lendas da Índia*, Porto, Lello & Irmão, 1975, vol. II, pp. 151-152.

⁵ J. N. da FONSECA, *An Historical...* cit., pp. 130-135; Kirti Chaudhuri, “O estabelecimento no Oriente”, in Francisco BETHENCOURT e Kirti CHAUDHURI (coord.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, pp. 163-191, p. 174.

As fontes

Não excluindo a possibilidade existir ainda documentação desconhecida, podem enumerar-se três factores para justificar a escassez de fontes em relação a este tema. Temos substancialmente menos informação relativa ao século XVI – época do início da construção de todos os objectos de estudo deste artigo – do que em relação aos séculos posteriores. Também as fontes portuguesas relativas à Índia e indianas sofreram diversas vicissitudes ao longo dos séculos, sobretudo durante a época das reformas pombalinas, já suficientemente discutidas na bibliografia da especialidade⁶. Finalmente, o fenómeno arquitectónico, isto é, o processo de construção de edifícios, a morfologia destes e a sua localização e inserção no contexto urbano respectivo não parece ter sido alvo de especial interesse dos cronistas, quer seculares, quer religiosos. Também a cartografia anterior ao século XVIII – pelo menos a que se conhece referente a Velha Goa – não foi rigorosa ao ponto de registar a informação arquitectónica que tão-pouco tinha interessado aos cronistas.

O cronista que, apesar de tudo, mais detalhadamente mencionou as edificações dos primórdios do período português de Velha Goa foi Gaspar Correia. Correia foi escrivão de Afonso de Albuquerque em Cochim, entre 1512 e a morte deste em 1515⁷. Embora não tenha sido testemunha ocular da conquista da cidade, deve ter tido oportunidade de ouvir, em primeira mão, relatos dos acontecimentos de Novembro de 1510 em Velha Goa, vindo a descrevê-los com minúcia nas *Lendas da Índia*. O cronista possivelmente já não conheceu as estruturas efémeras iniciais de taipa. Mas na qualidade de vedor das obras da cidade, cargo que exerceu a partir de 1516, deve ter acompanhado de perto grande parte da construção da igreja de Santa Catarina. Em 1525 Gaspar Correia passou a exercer as funções de almoxarife do armazém da Ribeira de Cochim. Mais tarde, e enquanto conservador dos arquivos de Velha Goa, retornou certamente à cidade que entretanto desempenhava um papel cada vez mais importante na política portuguesa no Oriente, vindo a ser elevada a capital do Estado da Índia em 1530. Gaspar Correia também deve ter conhecido a primeira remodelação da capela de Santa Catarina, realizada em 1550.

Fernão Lopes de Castanheda foi igualmente testemunho ocular de alguns factos que relatou na sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, cuja primeira edição saiu em Lisboa em 1550⁸. Castanheda nasceu em 1500, em Santarém, tendo partido de Lisboa para a Índia a

⁶ *Archivo Portuguez Oriental*, Nova Goa, 1857-1877, fascículo 3, pp. III-XVI e *Arquivo Português Oriental*, Nova Edição, Bastorá, 1936-1940, tomo I, vol. I, parte I, pp. III-IV.

⁷ G. CORREIA, *Lendas...* cit., vol. I, p. XV.

⁸ Fernão Lopes de CASTANHEDA, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, Porto, Lello & Irmão, 1979.

18 de Abril de 1528, onde chegou a 24 de Outubro do mesmo ano⁹. Quando chegou a Velha Goa, já a igreja de Santa Catarina estava em construção. Se por um lado não sabemos se a viu concluída, uma vez que na década que permaneceu no Oriente viajou com frequência, por outro é possível que tal tenha acontecido, pois só regressou a Portugal em 1538, sete anos após a conclusão desta igreja¹⁰. Castanheda faleceu em Portugal em 23 de Março de 1559¹¹. Nos seus escritos, este cronista deu consideravelmente menos importância à arquitectura e urbanismo de Velha Goa do que Gaspar Correia. No entanto, um curto trecho na descrição da tomada da cidade por Afonso de Albuquerque, analisado mais adiante, foi indispensável para a localização da igreja de Santa Catarina.

A crónica de Sebastião Gonçalves *Primeira Parte da Historia dos Religiosos da Companhia de Jesus* abrange apenas os anos entre a chegada de Francisco Xavier a Goa, em 1542, e 1570¹². Mas esta é igualmente uma fonte de informação preciosa acerca de Velha Goa à época da sua redacção que, segundo Joseph Wicki, teve lugar entre os anos de 1602 e 1608¹³. O padre jesuíta, que não se limitou a relatar feitos e obras da Companhia, descreveu inúmeros edifícios da sua época, sobretudo religiosos, quer da velha cidade, quer do restante território de Goa. Entre as casas religiosas de Velha Goa que mencionou, constam a igreja de Santa Catarina (Sé Velha), a capela do mesmo orago e a Sé Nova, que na altura se encontrava em construção¹⁴. É este autor que nos confirma tratar-se de três edifícios independentes.

Estas três obras são fulcrais para a clarificação acerca das igrejas e capelas de orago de Santa Catarina e da sua localização. A estas juntam-se muitas outras fontes acerca de Velha Goa e da sua arquitectura religiosa, guardadas em arquivos nacionais e estrangeiros, grande parte das quais já foi analisada e divulgada, tendo inclusivamente sido objecto de publicação¹⁵.

⁹ F. L. CASTANHEDA, *História...* cit., pp. V, X, XII e XXVII.

¹⁰ Segundo Ana Paula Avelar, Castanheda “deve ter exercido um cargo permanente em Goa, deslocando-se esporadicamente a outras partes da Índia” (Ana Paula Menino AVELAR, *Fernão Lopes de Castanheda. Historiador dos Portugueses na Índia ou Cronista do Governo de Nuno da Cunha?*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 39). Neste sentido, Castanheda deve ter testemunhado grande parte da obra da igreja de Santa Catarina.

¹¹ Kirti CHAUDHURI, “A recepção europeia da Expansão”, in F. BETHENCOURT e K. CHAUDHURI, *História...* cit., vol. I, pp. 520-521.

¹² S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., pp. III-IV e XXIII.

¹³ *Documenta Indica*, Roma, Monumenta Historica Societatis Jesu, 1948-1988, vol. XVI, pp. 32*-33*.

¹⁴ S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., pp. 294-297.

¹⁵ Destacam-se aqui as fontes publicadas por António da Silva Rego nos dois primeiros volumes da *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1947-1958, que serão mencionadas adiante.

A Igreja de Santa Catarina (1515-1531, demolida após 1619)

Logo após a conquista de Velha Goa¹⁶ (fig. 1), ainda em 1510, Afonso de Albuquerque escreveu ao rei, informando-o ter destinado as propriedades e rendimentos da mesquita da cidade para a construção de uma igreja dedicada a Santa Catarina, a erguer dentro das muralhas da cidade¹⁷. Segundo

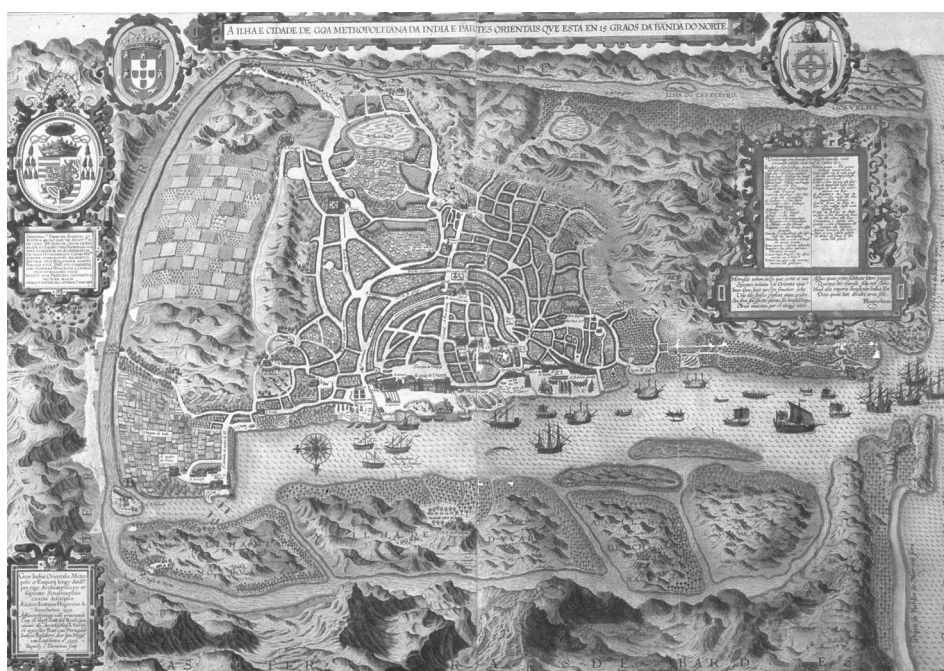


Fig. 1 – A Ilha e Cidade de Goa metropolitana da India (...). Gravura de Jan Huyghen van Linschoten, Universiteitsbibliotheek, Amsterdam (25-19-03). Sempre que não seja mencionada a origem das imagens, estas são do autor do artigo.

Gaspar Correia, Albuquerque tinha em mente uma igreja de grandes dimensões, pois no futuro deveria ser elevada a catedral:

“Vendo Goa com tanta gente, e casados mais de dozentos, em que auia homens muy honrados, e que o Governador quando se fora lhe

¹⁶ A designação de Velha Goa existe somente desde o século XIX, altura em que a criação de Nova Goa fez acrescentar o epítome de “Velha” ao nome da antiga capital do Estado da Índia (a propósito deste tema veja-se Alice Santiago FARIA, “Pangim entre o Passado e a Modernidade: A Construção da Cidade de Nova Goa, 1776-1921”, in *Murphy*, n.º 2, Coimbra, Universidade de Coimbra, Julho de 2007, pp. 66-97). Para equívocos sobretudo entre as designações do território e da velha cidade de Goa, será esta última aqui sempre denominada Velha Goa, mesmo no contexto de épocas em que esta designação ainda não existia.

¹⁷ Carta de 22 de Dezembro de 1510 do governador Afonso de Albuquerque ao rei D. Manuel I (*Documentação...* cit., vol. I, pp. 118).

deixara o regimento que se fizessem vereadores e juizes e almotacés, e que a igreja se fizesse grande, e que auia de ser Sé; o que nada d' ysto era feito, (...)”¹⁸.

A construção, contudo, não começou antes de Albuquerque ter deixado Goa, em Outubro de 1511, como se pode depreender da citação. Diogo Fernandes, um amigo do governador, executou as suas ordens, mandando erguer uma igreja efémera de Santa Catarina. Embora Gaspar Correia se lhe refira como “*igreja grande*”, tratou-se de início de uma construção efémera de taipa coberta de palha e de folhas de coqueiro, uma vez que em Goa não existiam telhas:

“E Diogo Fernandes com o feitor fez que fizesse a igreja grande, que se fez de taipas, cuberta d’ ola e palha, e tudo se pôs em começo de boa ordem; (...)”¹⁹.

É necessário sublinhar que, ao contrário da primeira capela temporária de Santa Catarina (ver adiante), esta estrutura de taipa não foi erguida directamente sob ordem de Afonso de Albuquerque, mas sim deste seu aliado, numa altura em que o governador já nem se encontrava em Velha Goa.

Para localizarmos esta igreja, teremos que recuar no tempo e seguir os acontecimentos de 25 de Novembro de 1510, como no-los relata detalhadamente Gaspar Correia²⁰. Segundo o cronista, logo após a conquista de Velha Goa os soldados portugueses reuniram-se dentro da cidade para festejar a vitória. Gaspar Correia não descreve o local dessa reunião com rigor, mas menciona que:

“O Governador (Afonso de Albuquerque) tanto que entrou na cidade, se pôs na ribanceira com a bandeira real; (...) e se pôs em joelhos, pedindo a todos que fizessem huma oração à bemaumentada santa Caterina. E o padre frey Domingos de Sousa cantou sua oração, dizendo o Governador que n’aquelle lugar se faria sua santa casa. E com toda a gente se foy pera as casas do Sabayo, (...)”²¹.

Existe apenas uma grande ribanceira no perímetro histórico da cidade de Velha Goa, que se situa do lado norte da actual sé, prolongando-se ao longo do Palácio dos Arcebispos e do convento de São Francisco, onde o solo da cidade desce abruptamente em direcção ao rio Mandovi. Algumas páginas atrás na sua crónica, Gaspar Correia elucida-nos um pouco melhor acerca desta ribanceira, especificando esta localização: “(...) porque d’esta riban-

¹⁸ G. CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, p. 199.

¹⁹ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, p. 200.

²⁰ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, pp. 146-151.

²¹ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, pp. 153-154.

*ceira se fazia grande terreiro, em que estauão as casas do Sabaio*²². “Casas do Sabaio” era a denominação que os portugueses davam à residência do representante do antigo senhor de Goa, Yusuf Adil-Sháh, que abandonou Velha Goa durante a conquista da cidade por Afonso de Albuquerque²³. A sua localização exacta é-nos dada pelas plantas da projectada reconstrução pombalina dos anos de 1770, através da representação do Palácio da Inquisição (fig. 2). A Inquisição tinha sido instalada em 1560 no antigo palácio dos governadores e vice-reis, que por sua vez resultou da remodelação da residência de Yusuf Adil-Sháh, escolhida por Afonso de Albuquerque em 1510 como sua habitação²⁴. O grande terreiro a que Gaspar Correia se refere é o Terreiro do Sabaio, que nestas plantas aparece designado por Praça Velha, em cujo lado sul se encontra o Palácio da Inquisição. O Terreiro do Sabaio é ainda hoje reconhecível, uma vez que a sua forma coincide sensivelmente com o perímetro do adro da actual Sé de Goa.

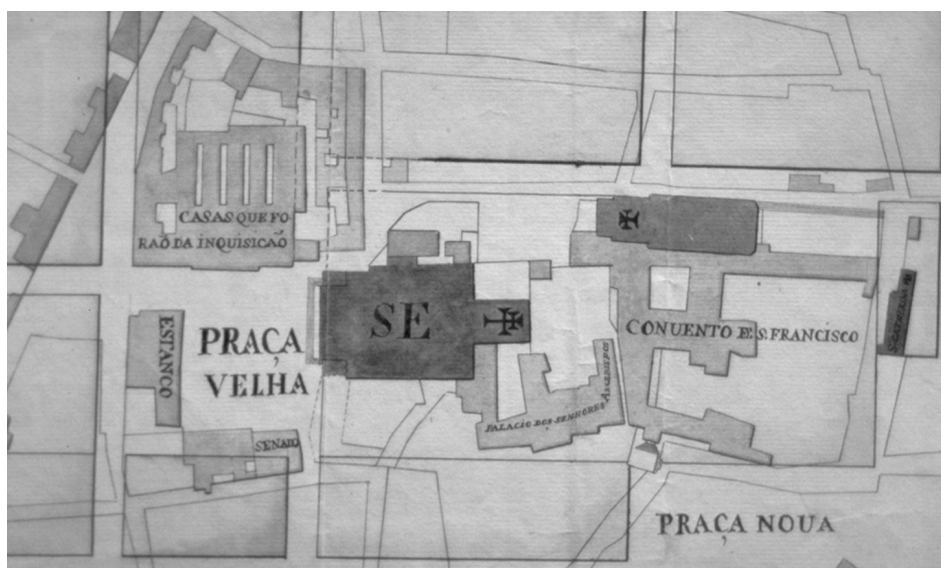


Fig. 2 – *Projecto para a nova Cidade de Goa (...)*. Detalhe do desenho de João António Águia Sarmiento, Capitão de Infantaria. Gabinete de Estudos de Arqueologia e Engenharia Militar, Lisboa (1237-2A-24A-111); a Capela de Santa Catarina é o edifício comprido que se vê ao centro a vermelho escuro; a sua orientação longitudinal coincide sensivelmente com o sentido norte/sul, estando a sua fachada (em baixo) voltada a norte, isto é, para o lado do rio Mandovi.

Conclui-se portanto que a igreja efémera antecessora da igreja de Santa Catarina se situava no lado norte do Terreiro do Sabaio, perto do local onde mais tarde se ergueu a Casa do Senado, ou eventualmente mais para poente,

²² CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, pp. 150-151.

²³ J. N. FONSECA, *An Historical...* cit., pp. 210-211.

²⁴ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, p. 154.

onde a ribanceira se prolonga ao longo do lado norte da cerca do convento de São Francisco. Esta igreja de taipa ergueu-se, portanto, não muito longe da actual Sé de Goa. Para uma maior exactidão quanto à localização da igreja de Santa Catarina teremos que analisar as fontes referentes ao edifício definitivo desta igreja que foi construída no mesmo local da igreja de taipa.

A substituição da igreja de taipa pela igreja de Santa Catarina reflecte a transição da construção apressada de estruturas temporárias para a concepção de edifícios dignos de uma conquista que se pretendia para a eternidade, como nos diz Gaspar Correia:

*“E como todo o intento do Governador, e mór desejo de su’alma, era que Goa assentasse em poderio e firme posse, que em nosso poder durasse pera sempre, e Nosso Senhor seja louvado, hoje em dia está, (...)”*²⁵.

Ao período de conquista de Afonso de Albuquerque, que por ironia do destino morreu no mesmo ano de 1515 em que se iniciou a igreja de Santa Catarina, sucedia o período de consolidação da ocupação portuguesa de Velha Goa.

As primeiras manifestações do intento de erguer uma paroquial condigna recuam a 1514. Em Dezembro deste ano, frei Domingos de Sousa, já com o estatuto de vigário geral da Índia, escreveu uma carta ao rei de Portugal, D. Manuel, informando-o de que se pretendia começar a edificação “da igreja principal desta cidade”²⁶. Nesta carta frei Domingos descreveu a igreja: teria três naves, um cruzeiro (embora frei Domingos não mencionasse qualquer transepto), três capelas abobadadas, um coro alto sobre a entrada e uma torre sineira “*muito pomposa*”. Em 1522 o bispo de Dume, o franciscano D. André de Torquemada²⁷, pediu ao rei que mandasse colocar telhas na Igreja de Santa Catarina, pois esta já estava meia construída²⁸. Em 1529 era a vez do escrivão de Goa Diogo Mariz informar o rei de que a obra da igreja estava bastante adiantada, encontrando-se o coro alto em construção²⁹. Mariz escreveu também que já se celebravam missas na igreja desde o ano anterior e que faltava somente concluir a sacristia e os pisos superiores da torre sobre a porta principal. A obra da torre encontrava-se interrompida devido a uma queixa dos frades do convento franciscano de que esta os “*devassava*”. Esta queixa dos franciscanos aparentemente não

²⁵ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, p. 159.

²⁶ *Documentação...* cit., vol. I, p. 252.

²⁷ D. André de Torquemada, bispo da diocese de Dume, perto de Braga, tinha sido enviado para Goa em 1520 na qualidade de comissário apostólico; Francisco BETHENCOURT, “A Igreja”, in F. BETHENCOURT e K. CHAUDHURI, *História ...* cit., vol. I, pp. 369-386, p. 375. Pedro Dias dá, contudo, um nome diferente para o comissário apostólico a partir de 1520, D. Diogo, de nacionalidade espanhola (Pedro DIAS, *Arte...* cit., p. 89).

²⁸ *Documentação...* cit., vol. I, p. 447.

²⁹ Carta de 13 de Novembro de 1529 do escrivão Diogo Mariz ao rei de Portugal (*Documentação...* cit., vol. II, p. 187).

teve consequências, uma vez que a obra continuou a evoluir. Mas é mais uma pista para a localização da igreja de Santa Catarina, cuja torre sineira estaria assim muito próxima do convento. Três anos mais tarde, numa carta de 26 de Março de 1532, o rei D. João III confirmou ter sido informado sobre a conclusão da obra da igreja de Santa Catarina, chamando-lhe já Sé Catedral³⁰. Considerando a calendarização e duração de viagens dos navios entre Goa e Lisboa³¹, a obra da igreja de Santa Catarina foi concluída antes do início do ano de 1531, para que a notícia pudesse partir da Índia e chegar a Lisboa a tempo de o rei ser informado e mandar redigir a citada carta a confirmar a informação.

A descrição do padre jesuíta Sebastião Gonçalves, redigida depois de 1607 (uma vez que o autor se refere este ano no pretérito) coincide com a antevisão de frei Domingos de Sousa de 1514:

*“A Sé de Goa hé dedicada a Santa Catarina, virgem e martyr, porquanto a cidade foy tomada aos mouros em seu dia. Edificou-se em tempo d’el-rey Dom João; acabou-a o governador Lopo Vaz de Sampayo, a qual é de três naves. O altar-mor hé da virgem Santa Caterina; (...) A capella do santíssimo Sacramento com grades de ferro d’alto a abaixo, que juntamente serve de administrar a comunhão aos freigueses, e da banda da epístola está hum capella de Nossa Senhora (o que indica que a capela do Santíssimo Sacramento se encontrava do lado do Evangelho). Na capella-mor está sepultado Dom Garcia de Noronha, terceirovisorey da Índia, o qual veyo no anno de 1538; governou hum ano e sete meses. O leteiro da sepultura diz assy: «Aqui jaz Dom Garcia de Noronha, visorey que foy da India. Falleceu nesta cidade de Goa aos três dias de Abril da era de 1540»”*³².

A localização exacta desta igreja de Santa Catarina é uma questão que não ficará aqui definitivamente resolvida. Contudo, há pelo menos ainda mais três pistas que convém mencionar e que se encontram respectivamente na crónica de Castanheda, na já citada carta do bispo de Dume de 1522 e no célebre desenho de Velha Goa de Jan Huyghen van Linschoten³³. Na des-

³⁰ *Archivo...* cit., fasc. 1, Parte I, pp. 13-14 e *Documentação...* cit., vol. II, pp. 208-209.

³¹ António da Silva REGO, *História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia. 1500-1542*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1949, p. 5.

³² S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., pp. 295-296. Ver também Pedro DIAS, *Arte...* cit., pp. 89-90.

³³ O desenho de Linschoten é o mais antigo que aqui se analisa, uma vez que nenhum dos anteriores – incluindo a vista mais antiga conhecida de Velha Goa, a de D. João de Castro, de 1538 – não contém informação topográfica com o rigor e pormenorização necessários a esta análise. Na vista de D. João de Castro, por exemplo, aquela que deveria ser a igreja de Santa Catarina, à direita (lado nascente) da outra grande igreja de Velha Goa, a de São Francisco, aparenta ter uma torre junto à capela-mor; quando as fontes claramente falam de uma torre sineira na frontaria da igreja.

crição da tomada da Velha Goa pelos portugueses, Fernão Lopes de Castanheda, tal como Gaspar Correia, localiza a igreja de Santa Catarina junto ao terreiro do Sabaio. Castanheda informa-nos inclusivamente que o Terreiro do Sabaio era murado e funcionava como cerca da sé, ou seja, da igreja em questão:

*“(...) os mouros que hião fugindo pera as casas do çabaio, & sobião per hũa ladeira que se fazia ôde agora está a orla do mosteiro de Sam Francisco, onde a este tẽpo estaua hũ tanq & duas aruores, & mais acima ôde agora he o dormitorio deste mosteiro, se fazia hum muro que corria dali ate as casas do çabaio, de modo q cercaua ho terreyro, que agora he da see, & destas casas que ficaua tão alto sobre aqla parte por onde hia dom Ieronimo, que sobião a ele per grãde escada de pedra, & por isto era a cidade ali muyto forte.”*³⁴

Uma outra pista para a localização desta Igreja de Santa Catarina encontra-se na carta do bispo de Dume de 1522³⁵, que afirmou ter mandado abrir na parede de uma das capelas abobadadas um sacrário exterior com grades para ser avistado pelos doentes, uma vez que muitos deles morriam sem os últimos sacramentos. O sacrário destinava-se também aos soldados que partiam ou chegavam. A interpretação lógica desta informação é a de que os doentes moribundos que, ao serem desembarcados do cais de Santa Catarina, do qual se avistava a igreja do mesmo nome, poderiam ao menos vislumbrar este sacrário como forma de consolação, no caso de já não viverem o tempo necessário para receberem os últimos sacramentos concedidos por um sacerdote. A igreja de Santa Catarina estaria assim ao alcance de visão do percurso entre o cais de Santa Catarina e o Hospital Real. Encontrando-se a igreja no topo da ribanceira mencionada por Gaspar Correia, esta seria de facto visível, ainda que de longe, de todos quantos desembarcassem no cais. Se considerarmos a hipótese de a igreja estar orientada, ou seja, ter sido construída com a capela-mor voltada a oriente, o sacrário na parede do Evangelho estaria voltado para norte, isto é, para o lado do rio. Chamarei a esta hipótese de localização e posicionamento da Igreja de Santa Catarina hipótese A.

Esta hipótese parece ser confirmada pela representação de Velha Goa de Jan Huyghen van Linschoten (fig. 3), que constitui a terceira pista. Esta gravura, datada de 1595, foi publicada em 1596 no *Itinerario*³⁶, mas de facto

³⁴ F. L. CASTANHEDA, *História...* cit., p. 595.

³⁵ *Documentação...* cit., vol. I, p. 447.

³⁶ Jan Huyghen van LINSCHOTEN, *Itinerario, voyage ofte schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien inhoudende een corte beschryvinghe der selver landen zee-custen met aenwysinge van alle de voornaemde principale havens (...): ...t Amstelredam by Cornelis Claesz, op't Water, in't Schrijf boeck, by de oude Brugghe, 1596. Tradução portuguesa: *Itinerário, viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.*



Fig. 3 – *A Ilha e Cidade de Goa metropolitana da India (...)*. Pormenor da gravura de Jan Huyghen van Linschoten (ver fig. 1).

mostra a cidade como Linschoten a conheceu no período da sua visita, entre 1583 e 1589³⁷. A gravura não é muito clara, mas permite sustentar algumas hipóteses de localização dos edifícios religiosos em causa. A igreja adjacente ao Terreiro do Sabaio só pode ser a igreja de Santa Catarina, pois não só nesta altura a Sé Nova ainda estava longe de estar concluída (o que ainda acontecia na primeira década do século XVII), como também a igreja desenhada mostra uma única torre sineira, voltada para o convento de S. Francisco, e uma estrutura edificada do lado do Evangelho do corpo da igreja, voltada a norte, eventualmente um claustro. A darmos crédito a esta gravura, a igreja de Santa Catarina teria uma posição paralela à actual sé (a igreja não pode ter ocupado exactamente o mesmo local da sé que hoje conhecemos, pois os dois edifícios coexistiram por algum tempo), só que orientada em sentido inverso, com a cabeceira virada a nascente. Deste modo, a representação da Sé Velha de Goa na gravura de Linschoten coincide com as informações retiradas das fontes escritas, o que aparentemente confirma a localização da igreja de Santa Catarina, bem como a razão de os franciscanos se terem sentido “devassados” pela proximidade desta torre, conforme foi mencionado na carta de Diogo de Mariz de 1529.

³⁷ K. CHAUDHURI, “A recepção ...” cit., p. 522.

As diversas pistas para a localização da igreja de Santa Catarina, embora não permitam identificar com exactidão a sua implantação histórica, indiciam que esta se ergueu adjacente ao Terreiro do Sabaio, do lado norte deste terreiro, ou, eventualmente, do lado norte da actual Sé de Goa. Há ainda uma alternativa a esta hipótese, que se apresentará mais adiante.

A igreja de Santa Catarina foi a primeira e, até 1543, a única igreja paroquial de Velha Goa. Como todas as outras igrejas a oriente do cabo da Boa Esperança, estava afecta ao bispado do Funchal, fundado em 1514. Com a fundação do bispado de Goa em 1533/1534, Santa Catarina, então ainda única paroquial da cidade, foi elevada a Sé Catedral³⁸, funcionando, contudo, como igreja episcopal somente a partir de 1539, ano em que chegou à Índia o primeiro bispo de Goa, D. frei João de Albuquerque. Não são conhecidas alterações na construção da igreja devido à sua mudança de estatuto eclesiástico. Não é igualmente conhecido o autor do projecto inicial da igreja de Santa Catarina. Rafael Moreira propõe a autoria de Tomás Fernandes³⁹, que exercia as funções de mestre-de-obras de el-rei na Índia entre 1505 e 1516, ou seja, na altura do início da construção em 1515⁴⁰.

A época de edificação da igreja de Santa Catarina e a sua descrição por frei Domingos de Sousa indiciam que se tratava de um edifício gótico ou manuelino. A pista mais importante para esta hipótese é dada pela localização da torre sineira, colocada à frente do corpo da igreja sobre a entrada principal. Trata-se, em Portugal, de uma característica predominantemente destes dois estilos arquitectónicos. Os exemplos de igrejas portuguesas contemporâneas de Santa Catarina mostram que este tipo de torre sineira já se observava em igrejas góticas, como é o caso da Matriz de Elvas, Nossa Senhora da Assunção (iniciada em 1517), elevada a sé depois do início da construção, estatuto que viria a perder mais tarde⁴¹. Outros exemplos de igrejas com torres sineiras semelhantes, embora erguidas um pouco mais tarde, são as paroquiais de Santa Maria Madalena, em Olivença⁴², já com características manuelinas, e Nossa Senhora da Assunção na Atalaia (portal da igreja de cerca de 1528), assim como a matriz de Pedrógão Grande, Nossa Senhora da Assunção (reconstruída em 1537-1539; fig. 4). Em Velha Goa encontra-se uma torre sineira, certamente muito semelhante à de Santa Catarina, na igreja de Nossa Senhora do Rosário (1543-1549; fig. 5), um edifício claramente manuelino.

³⁸ A. S. REGO, *História...* cit., p. 312.

³⁹ Rafael MOREIRA, "From Manueline to Renaissance in Portuguese India", in *Mare Liberum*, n.º 9, Junho de 1995, p. 406.

⁴⁰ Francisco de Sousa VITERBO, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses ou ao Serviço de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 (fac-simile, Lisboa, 1899-1922), vol. I, pp. 348-349.

⁴¹ José Custódio Vieira da SILVA, *O Tardo-Gótico em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989, p. 125.

⁴² J. C. V. SILVA, *O Tardo-Gótico...* cit., p. 127.



Fig. 4 – Pedrógão Grande, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção (2006).



Fig. 5 – Velha Goa, Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1995).

A torre sineira de Santa Catarina é também um forte indício de que, apesar da vontade expressa por Afonso de Albuquerque, esta igreja não foi concebida inicialmente como uma sé catedral. Uma característica praticamente omnipresente nas igrejas episcopais portuguesas, e quase sempre exclusiva nestas, são as duas torres sineiras flanqueando a fachada⁴³. Igrejas paroquiais ou matrizes possuíam por norma apenas uma torre sineira situada lateralmente à fachada ou simetricamente à frente do corpo da igreja, sobre a entrada principal. Esta última situação observa-se sobretudo em igrejas de consideráveis dimensões e importância, a maior parte com três naves, como é o caso dos três exemplos em Portugal acima citados e da igreja de Santa Catarina de Velha Goa. Para além disto, as igrejas concebidas como catedrais eram sempre completamente abobadadas, em concordância com a dignidade da sua função. Acerca da igreja de Santa Catarina, frei Domingos de Sousa refere somente três capelas de abóbada⁴⁴, o que implica que o corpo da igreja, ou seja, as naves, apresentava coberturas de madeira. Esta solução era comum em Portugal em igrejas conventuais de ordens mendicantes, paroquiais e matrizes⁴⁵, mas não em catedrais. Aquelas, e igualmente ao contrário destas, não tinham transepto, como se observa nos exemplos portugueses acima citados.

A existência ou não de um transepto Igreja de Santa Catarina de Velha Goa é um aspecto pouco claro. Uma igreja que seguisse o modelo das igrejas mendicantes, acima proposto para Santa Catarina, não apresentaria um tal espaço. Mas frei Domingos de Sousa menciona, na sua já citada carta de 1514, um cruzeiro⁴⁶, o que implicaria a existência de um transepto⁴⁷. No entanto, o frade dominicano escreveu a sua missiva antes do começo das obras de Santa Catarina. É, portanto, possível, que a igreja tivesse sido posteriormente construída sem o dito transepto⁴⁸. Esta hipótese só é levantada pelo facto de que em nenhuma das restantes fontes conhecidas é men-

⁴³ A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., p. 82, nota 28.

⁴⁴ *Documentação...* cit., vol. I, p. 252.

⁴⁵ Paulo PEREIRA, "As Grandes Edificações 1450-1530", in Paulo PEREIRA (coord.), *História da Arte Portuguesa*, vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p. 12.

⁴⁶ *Documentação...* cit., vol. I, p. 252.

⁴⁷ No caso da existência de um tal transepto, o espaço interior da igreja de Santa Catarina aproximar-se-ia tipologicamente do da sé do Funchal (Marta OLIVEIRA, "A ordem de uma geral maneira de edificar", in *Monumentos*, n.º 19, Setembro de 2003, Lisboa, DGEMN, pp. 22-31). Esta "igreja principal" da Ilha da Madeira, apesar de também não ter sido começada como sé e de, consequentemente, não ter uma fachada de duas torres, apresenta ainda assim um transepto entre as três naves e a três capelas que as rematam na cabeceira. A igreja afasta-se deste modo do modelo das igrejas conventuais das ordens mendicantes, utilizado no continente para igrejas paroquiais de alguma ou bastante importância.

⁴⁸ Neste caso, existiriam semelhanças tipológicas – incluindo a torre a eixo da fachada – com a sé de Elvas. Tal como Santa Catarina de Velha Goa, também aquela tinha sido iniciada antes da sua elevação a igreja episcopal.

cionado um transepto na igreja de Santa Catarina⁴⁹. Este é mais um dos aspectos desta igreja que ficará aqui em aberto.

Portanto, e apesar das suas três naves com ou sem transepto, a igreja de Santa Catarina não parece ter sido concebida de maneira especialmente monumental e muito menos adequada a uma Sé Catedral. Para além disso, o seu estilo arquitectónico (gótico ou manuelino) estaria ultrapassado em meados do século XVI, época em que o Renascimento de influência italiana já tinha sido introduzido em Goa. Quando, em 1557, Velha Goa foi elevada a arquidiocese, a antiquada igreja de Santa Catarina deveria parecer inadequada para corresponder à nova dignidade eclesiástica. Em Novembro de 1562 foi dada uma ordem redigida em nome do rei D. Sebastião para a construção de uma nova sé, devido à antiga “*ser velha e daneficada*”⁵⁰. A nova sé, cuja obra durou até 1651/1652, foi erguida no Terreiro do Sabaio e igualmente dedicada a Santa Catarina. É graças à crónica de Sebastião Gonçalves que sabemos que, à altura da sua redacção cerca de 1608, as duas sés coexistiam⁵¹.

A igreja de Santa Catarina, nesta altura conhecida como Sé Velha, ainda terá mantido a sua função de catedral até 1619, altura em que foi terminado o corpo da Sé Nova e para lá transportado o Santíssimo Sacramento⁵². O destino da Sé Velha é desconhecido após esta data. Ela já não aparece representada nas plantas para a gorada reconstrução pombalina de Velha Goa da segunda metade do século XVIII.

Hoje não conhecemos com exactidão o local onde se ergueu a igreja de Santa Catarina. As informações das fontes escritas, sobretudo as da obra de Gaspar Correia, confirmadas pela gravura de Linschoten, indicam, como se comprovou acima neste artigo, que esta se terá erguido não muito longe da actual Sé de Goa. A questão que aqui se coloca é se a Igreja de Santa Catarina não se encontraria muito mais perto da Sé de Goa do que pensamos, de modo a que esta tenha inclusivamente integrado elementos daquela. Os indícios para esta hipótese encontram-se na misteriosa capela baptismal da Sé (Nova) e serão analisados em seguida.

A Sé Primacial de Santa Catarina

De todos os edifícios religiosos mencionados neste artigo, a Sé de Goa é o único a ter sido recentemente analisado em profundidade⁵³. Não faz por isso sentido abordar aqui extensivamente a longa história da sua edificação.

⁴⁹ Como é o caso de Sebastião Gonçalves, que, na sua extensa descrição de Santa Catarina, menciona três naves e algumas capelas (na cabeceira e não só), mas nunca um transepto (S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., pp. 295-297).

⁵⁰ *Archivo...* cit., fascículo 5, pp. 521-523.

⁵¹ S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., pp. 295-297.

⁵² Joaquim Heliodoro da Cunha RIVARA, *Ensaio histórico da língua Concani*, Nova Goa, Imprensa Nacional, p. 203.

⁵³ Pedro DIAS, *História...* cit., pp. 69-74, e *Arte...* cit., pp. 85-130; A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 139-162 e 181-211.

Como já foi acima afirmado, a ordem de construção da nova sé data de 1562, correspondendo, portanto, ao período de regência da rainha D. Catarina de Áustria (1507-1578, regente entre 1557 e 1567). A Sé Primacial de Santa Catarina iria substituir a Igreja de Santa Catarina, que tinha sido elevada a sé em 1533/1534. Mas a obra desta nova Sé não pode ter começado antes do final de 1564 ou mesmo do início de 1565, uma vez que a provisão assinada pelo vice-rei da Índia, D. Antão de Noronha, através da qual se aplicou a ordem real, está datada de 12 de Dezembro de 1564⁵⁴. A obra arrastou-se por quase um século, sobretudo devido a permanentes dificuldades financeiras, quer porque os meios eram escassos, quer por terem sido frequentemente desviados para outras obras consideradas de maior urgência. Também a dimensão do enorme edifício terá contribuído para a dificuldade em terminar a obra⁵⁵. Durante várias décadas coexistiram em Velha Goa a igreja de Santa Catarina, nesta época já apelidada de Sé Velha, e a inacabada Sé Nova, a actual Sé de Goa. Este facto é-nos confirmado por Sebastião Gonçalves, que por volta de 1608 se refere à Sé Nova nos seguintes termos⁵⁶:

“A Sé Nova há muitos anos que tem as paredes quasi engalgadas, porém não vai por diante. Somente a torre foy crescendo em tempo do arcebispo Dom Frey Aleixo de Meneses⁵⁷ (...). Começou-se a Sé em tempo do visio-rey Dom Antão de Noronha⁵⁸ e do arcebispo Dom Gaspar⁵⁹”.

A inscrição sobre o portal principal da actual Sé situa o fim da obra nos anos de 1651/1652⁶⁰.

A Sé de Goa (figs. 6 e 7) é uma falsa basílica (devido à ausência de janelas de clerestório) de três naves com abóbadas de berço. Ao longo das naves laterais abrem-se capelas, cujos volumes se localizam por detrás das duas torres sineiras. A nave central, a capela-mor profunda, de planta rectangular, e o transepto definem em planta e no espaço uma cruz latina. Apesar do longo período de construção, a Sé de Goa é um edifício notavelmente coerente e homogéneo, fazendo-nos acreditar que os diversos mestres de obras que aqui trabalharam ao longo de um período de três gerações segui-

⁵⁴ *Archivo...* cit., fasc. 5, parte II, pp. 580-581 e *Documentação...* cit., vol. IX, pp. 352-353.

⁵⁵ Veja-se Pedro DIAS, *Arte...* cit., pp. 90-95.

⁵⁶ S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., vol. III, p. 297.

⁵⁷ D. frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa de 1595 a 1612.

⁵⁸ D. Antão de Noronha, vice-rei da Índia de 1564 a 1568.

⁵⁹ D. Gaspar Jorge Leão Pereira, arcebispo de Goa nos períodos de 1560 a 1567 e de 1574 a 1576.

⁶⁰ Henrique Bravo de MORAIS, *Noticia de como e quando se erigio a Cathedral de Goa, e dos Bispos, e Arcebispos que nella houve antes, e depois da sua erecçam com outras cousas mais pertencentes ao dito Arcebispado*, manuscrito datado de 1722, Biblioteca Nacional de Lisboa, Cód. 176, pp. 97-179, p. 81; A. N. PEREIRA, *A Architectura...* cit., p. 142.

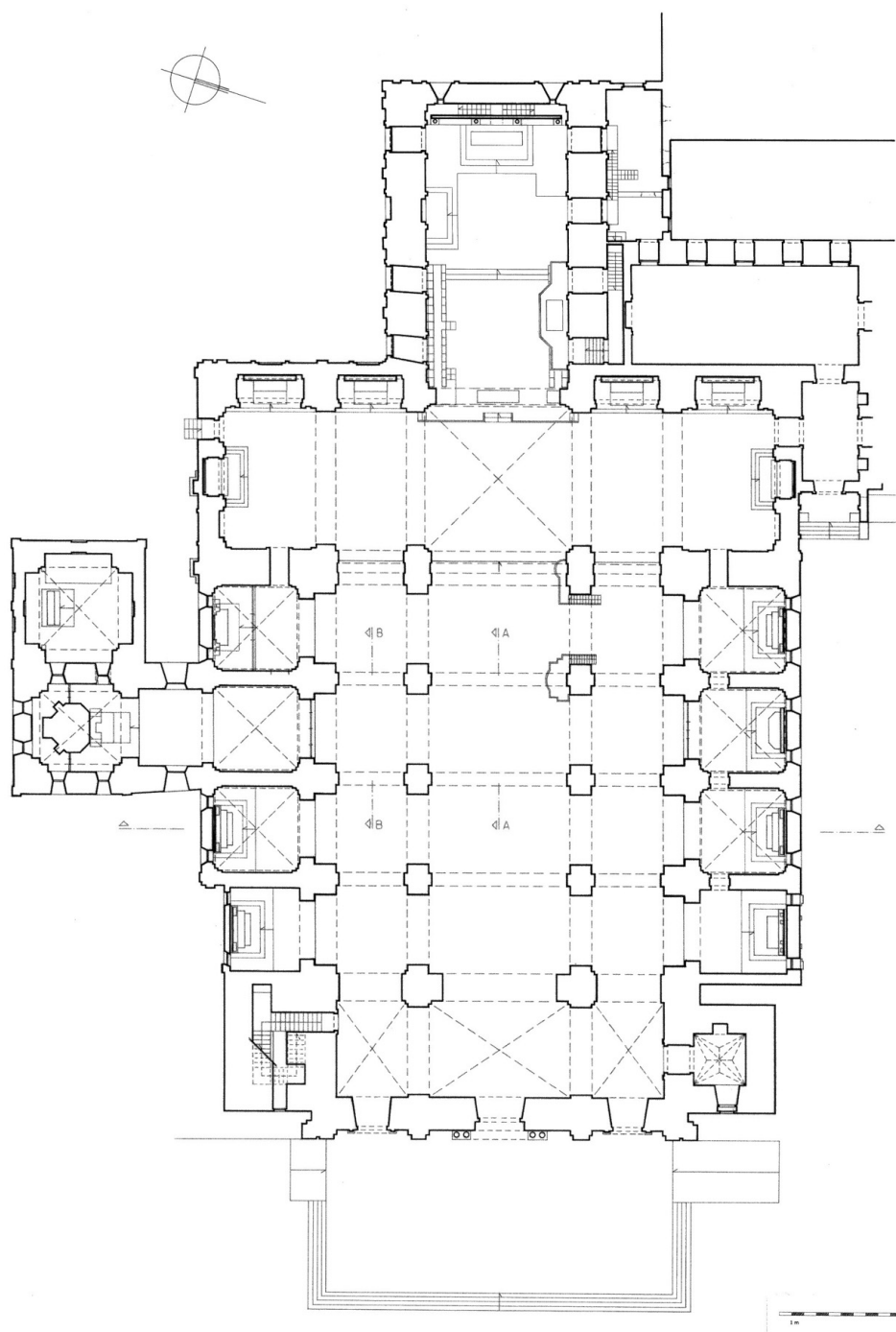


Fig. 6 – Velha Goa, Sé de Goa: planta do piso térreo (1999-2000).



Fig. 7 – Velha Goa, Sé de Goa: interior fotografado a partir da capela mor (1999).

ram certamente o projecto inicial⁶¹. Apenas os dois pisos superiores da torre sul (fig. 8), bem como a estrutura de reforço do corpo da igreja sobre as capelas laterais, sugerem atitudes conceptuais assumidamente distintas do restante edifício⁶².

⁶¹ Pedro Dias afirma que a forma actual do edifício da sé de Goa foi determinada por alterações ao projecto inicial, levadas a cabo em 1614 e após a paragem das obras por mais de uma década, e que Júlio Simão foi o projectista decisivo nesta alteração (Pedro DIAS, *Arte...* cit., pp. 96, 102 e 116-118). No entanto, as soluções arquitectónicas da sé de Goa inserem-se nas tendências de meados do século XVI. No que diz respeito à articulação de paredes exteriores e à sua relação com a divisão espacial interior, a sé de Goa aproxima-se da desaparecida igreja de São Paulo de 1560, apesar das diferenças tipológicas, que se justificam pelas diferentes funções das duas igrejas (A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 186-188).

⁶² A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 143 e 197-198. A configuração dos dois pisos superiores da torre norte, caídos em 1776 (*Documentação Ultramarina Portuguesa*, vol. V, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, pp. 138-139), permanece desconhe-



Fig. 8 – Velha Goa, Sé de Goa: fachada (1996).

São de salientar as formas puramente clássicas da Sé de Goa, característica surpreendente sobretudo quando comparada com as sés portuguesas de Leiria (1551-1574), Miranda do Douro (1552-1566) e Portalegre (1556-1620, exterior alterado nos séculos XVII e XVIII), iniciadas na década anterior à década de arranque da obra da Sé goesa⁶³. Estas últimas mostram em pleno século XVI ainda alguns elementos construtivos que demonstram uma persistência de formas do período medieval em edifícios já claramente “ao romano”, tais como as abóbadas com nervuras em forma de estrela⁶⁴, ausentes na Sé de Goa. Portais, janelas, pilares, pilastras, entablamentos, abóbadas de berço com os respectivos caixotões, todos os elementos de articulação da Sé de Goa reflectem um projecto clássico, mais ou menos erudito consoante a função e localização desses mesmos elementos⁶⁵. Por este motivo, tanto mais surpreendente é (até pelo seu carácter excepcional) a

cida. Nenhuma das fontes investigadas menciona o seu aspecto. É, contudo, bastante provável que os dois últimos pisos de ambas as torres se assemelhassem (como acontece com os dois primeiros pisos), de modo a não desequilibrar a simetria da fachada.

⁶³ Também Pedro Dias acentua as diferenças em termos de composição espacial e de linguagem arquitectónica entre as sés portuguesas do século XVI e a de Goa (Pedro DIAS, *Arte...* cit., pp. 123-126).

⁶⁴ George KUBLER, *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os diamantes 1521-1706*, Lisboa, Vega, s/data, pp. 35-41; Rafael MOREIRA, “Arquitectura: Renascimento e Classicismo”, in Paulo PEREIRA, *História...* cit., vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 359.

⁶⁵ A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 157-158. Também Pedro Dias afirma, ao descrever o exterior da sé de Goa, que esta “(...) retoma-se ao melhor nível o discurso clássico” (Pedro DIAS, *Arte...* cit., p. 123).

abóbada de nervuras em forma de estrela, aparentemente gótica, que cobre a capela baptismal no compartimento térreo da torre norte da Sé de Goa (figs. 9 e 10). Poder-se-ia argumentar que estas abóbadas de nervuras podem ser um testemunho da persistência de soluções de raiz medieval durante o século XVI, como é o caso dos braços do falso transepto da Igreja de Nossa Senhora da Graça, iniciada em 1597, e que eram igualmente cobertos por abóbadas de nervuras em forma de estrela⁶⁶. Mas há outros indícios que no caso da capela baptismal da Sé de Goa nos sugerem estarmos perante uma pré-existência anterior à época do actual edifício e por qualquer motivo integrada nesta obra. Um destes indícios é a forma (quadrada) da sua planta, que difere da forma da torre sul e, ao contrário desta, o facto de se destacar do volume adjacente e mais largo das capelas laterais. Outro indício é a escada em caracol que ainda hoje arranca do compartimento do primeiro



Fig. 9 – Velha Goa, Sé de Goa: entrada para a capela baptismal sob o coro alto (1999).

⁶⁶ A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 264 e 462, e Desenho 14.

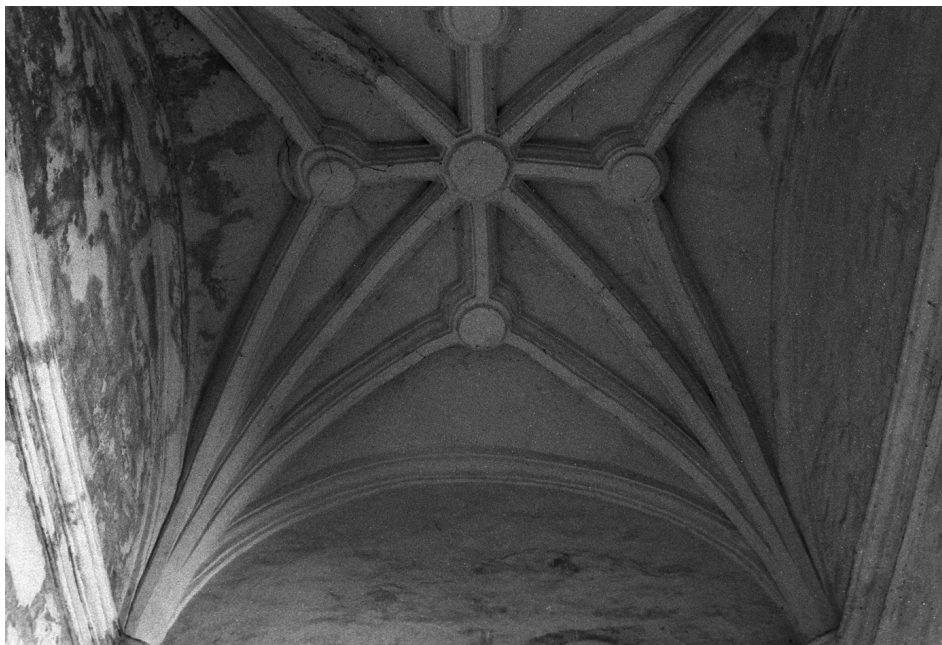


Fig. 10 – Velha Goa, Sé de Goa: abóbada da capela baptismal (1999).

piso (fig. 11), ao qual se acede através do coro alto, interrompida devido à derrocada do(s) piso(s) superior(es) da torre. Esta escada mostra ainda uma solução próxima das escadas medievais, devendo assim ser de uma época anterior à da escada na torre sul, organizada em lanços ortogonais, inseridos em galerias cobertas com abóbadas de berço de um modo muito mais coerente com o restante edifício da Sé. Um terceiro indício é a sobreposição de fases construtivas que se constata na abertura da única janela da capela

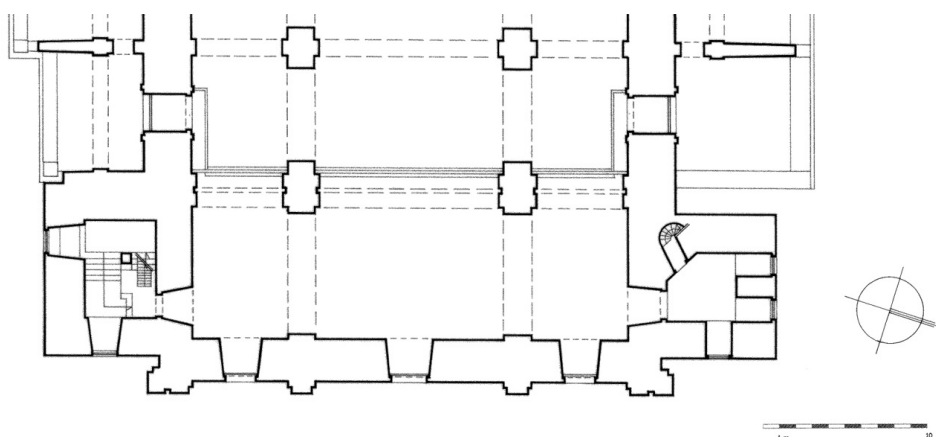


Fig. 11 – Velha Goa, Sé de Goa: excerto da planta do segundo piso (1999-2000).

baptismal. Por detrás da abertura visível do exterior da torre, encerrada por uma grade, existe uma segunda abertura com um lintel de pedra trabalhada (fig. 12), de maior dimensão mas localizada a um nível inferior, conforme



Fig. 12 – Velha Goa, Sé de Goa: lintel interior da janela da capela baptismal (1999).

se vê na representação no corte esquemático (fig. 13). A pré-existência desta abertura interior, que tudo indica ter sido posteriormente envolvida pela actual parede exterior da torre, explica a assimetria desta janela da capela baptismal em relação à sua congénere na torre sul (esta condicionada, por seu lado, pela escada de lanços ortogonais).

Finalmente um último indício é dado pela pia baptismal. José Nicolau da Fonseca transcreveu uma inscrição que nela se encontra:

ESTA PIA MANDOU FAZER JORGE GOMEZ E A DEO A ESTA
SE EM ONRA E LOUOR DO SENHOR DEUS EM 1532⁶⁷.

Esta pia é então anterior em mais de trinta anos à actual sé, onde se encontra. A sé a que se refere a inscrição é consequentemente a Sé Velha, ou seja a igreja de Santa Catarina, que ficou pronta em 1531, um ano antes desta doação. Curiosamente, nesta data a igreja de Santa Catarina ainda não tinha sido elevada a sé, o que só aconteceu em 1533/1534 (a inscrição demonstra no entanto que aparentemente a elevação a sé era já esperada pelos habitantes de Goa, sendo inclusivamente assim referenciada na correspondência com Lisboa anterior a esta data⁶⁸). Uma explicação possível é a

⁶⁷ J. N. FONSECA, *An Historical...* cit., p. 205.

⁶⁸ Ver por exemplo a carta de Diogo Mariz de 13 de Novembro de 1529 para o rei de Portugal (*Documentação...* cit., vol. II, p. 187), assim como uma carta de D. João III de 26 de Março de 1532 para Goa, em que também o monarca apelida a igreja de Santa Catarina de sé (*Documentação...* cit., vol. II, pp. 208-209).

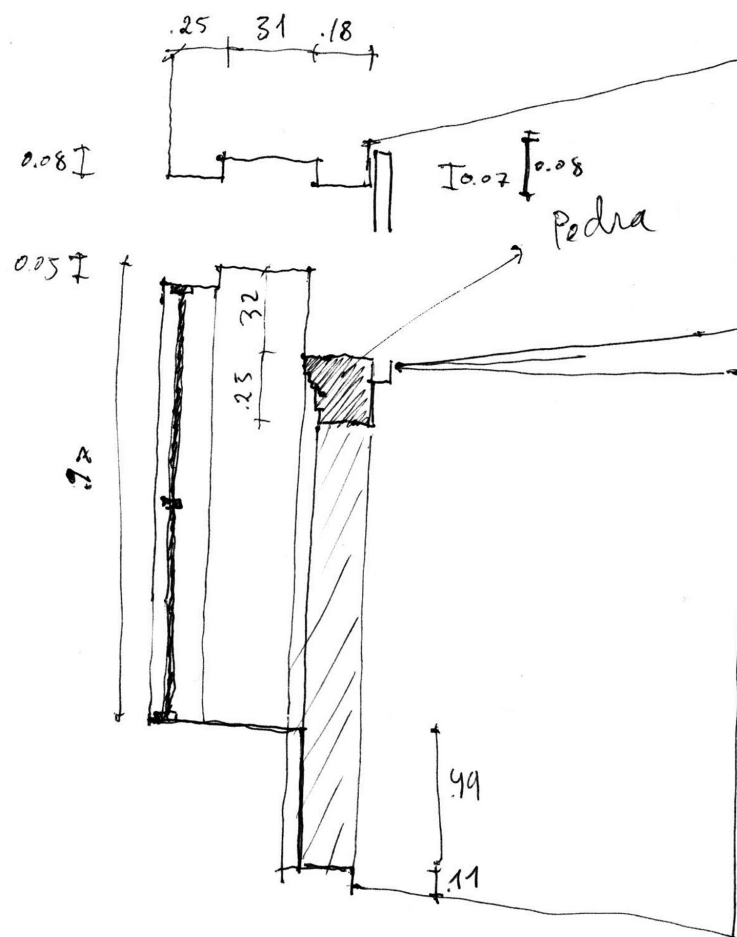


Fig. 13 – Desenho esquemático (corte) da janela da capela baptismal (1999).

de que a pia baptismal foi trazida da Sé Velha para a Sé Nova. Contudo, permanecem por explicar as formas de raiz medieval da abóbada da capela baptismal num edifício tão puramente clássico como a actual Sé de Goa, assim como a sobreposição de épocas construtivas na mesma capela. Deste modo, a hipótese mais convincente é a de que a capela baptismal da Sé Velha tenha sido pura e simplesmente integrada no edifício da Sé Nova, onde a pia baptismal já se encontrava. Anteriormente neste artigo, já se tinha demonstrado que a localização da Sé Velha, ou seja, da igreja de Santa Catarina, era muito próxima do local da actual Sé. Agora, tudo indica que a proximidade era tal que foi inclusivamente possível integrar espaços da antiga sé na nova construção. Talvez num futuro próximo a arqueologia e a arqueologia de edifícios possam comprovar esta hipótese, o que significaria que ainda existem alguns testemunhos da forma arquitectónica da igreja de Santa Catarina,

que julgávamos perdida para sempre. No mínimo, ficaria confirmada a sua construção ao modo gótico ou manuelino.

No caso da capela baptismal da Sé Nova ser a capela equivalente da Sé Velha, ter-se-á que repensar a hipótese do posicionamento desta última em relação à actual sé, a que anteriormente chamei de hipótese A. Com efeito, a capela baptismal encontra-se usualmente à entrada de uma qualquer igreja. Se a igreja de Santa Catarina se erguia com orientação inversa em relação à da actual Sé, como a gravura de Linschoten parece indicar, a integração da sua capela baptismal na estrutura da igreja mais recente seria praticamente impossível. Apresento pois aqui uma segunda hipótese, a hipótese B, segundo a qual a igreja de Santa Catarina se orientava no sentido norte/sul com a capela-mor voltada para norte, isto é, para o lado do rio, sobre a ribanceira onde Afonso de Albuquerque teria feito o voto de erguer a “*sua santa casa*”⁶⁹ (fig. 14). Deste modo, a capela baptismal poderia ter pertencido a ambas as sés, Velha e Nova, sendo igualmente possível que os dois edifícios tenham coexistido, como indica Sebastião Gonçalves⁷⁰. Apenas a parte fron-

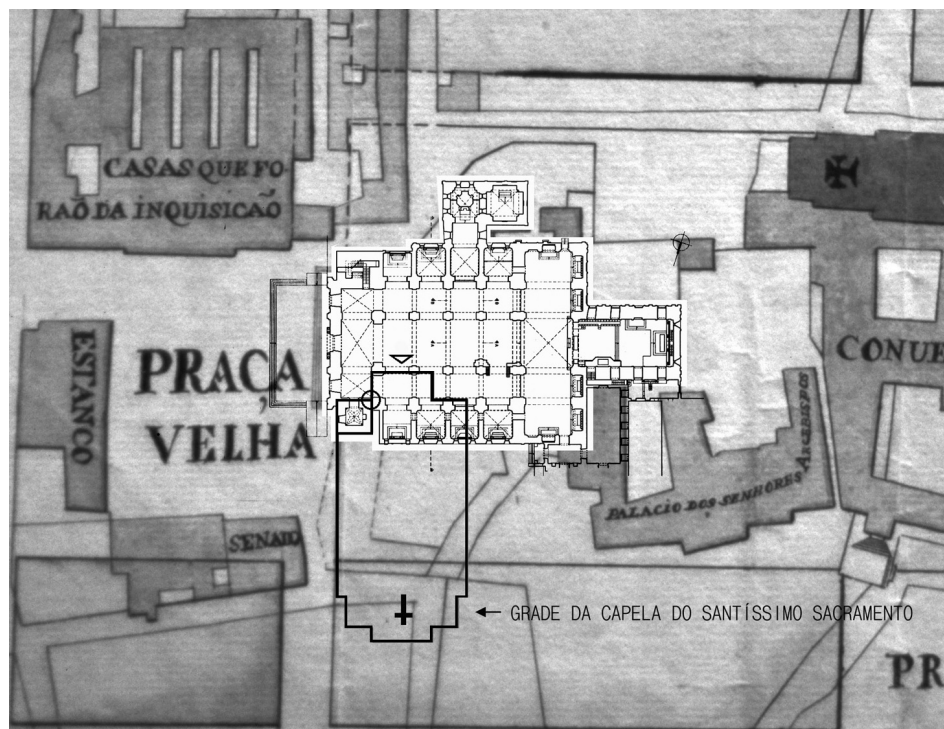


Fig. 14 – Hipótese B para a localização da Igreja de Santa Catarina, em comparação com a actual Sé (Nova) de Goa (esquema realizado sobre um pormenor da fig. 2).

⁶⁹ G. CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, pp. 153-154.

⁷⁰ Nesta hipótese, a estrutura construída ao longo do lado do Evangelho do corpo da igreja, eventualmente um claustro, estaria voltada não a norte, mas a poente.

tal da igreja de Santa Catarina, incluindo a torre sobre a entrada, teria de ser demolida à medida que se avançava com a obra do corpo da Sé Nova, enquanto o restante edifício ainda poderia funcionar (com acesso através de uma entrada lateral?) até deixar de ser necessário. A grade na capela do evangelho, mencionada pelo bispo de Dume, ficaria provavelmente, de acordo com esta hipótese, voltada a poente, sendo perfeitamente visível do Cais de Santa Catarina. De notar ainda a escada em caracol que ainda hoje se encontra no piso por cima da capela baptismal (fig. 11), neste diagrama marcada através de um círculo (fig. 14) e que, segundo esta hipótese, se encontraria num local perfeitamente lógico, isto é, entre a capela baptismal e a torre sobre a entrada. Esta escada daria certamente acesso ao piso dos sinos. Por outro lado, o acesso do piso térreo ao segundo piso, para o qual não existem vestígios de uma escada em caracol, realizar-se-ia através de uma escada aberta, possivelmente de madeira no interior ou de pedra no exterior da igreja, como é usual em igrejas portuguesas desta mesma época e tipologia (fig. 4). Não será necessário dizer que o diagrama apresentado na figura 14 é apenas isso mesmo, isto é, a ilustração de uma hipótese da localização histórica da igreja de Santa Catarina, sem que as dimensões e proporções desenhadas tenham a pretensão de veracidade arqueológica. A esta hipótese B podem fazer-se algumas objecções: em primeiro lugar, a orientação da primeira paroquial de Velha Goa ser não no sentido comum nascente/poente, mas sim norte/sul, o que seria de facto pouco usual. Mas exemplos de outras igrejas de Velha Goa (e de inúmeras outras cidades) provam que, devido a constrangimentos urbanos, a orientação usual não era por vezes observada. Outro aspecto é a não concordância desta posição da igreja de Santa Catarina com a representação na gravura de Linschoten. No entanto, também esta não chega sequer a ser uma objecção válida se tivermos presente o modo de representação de cidades em gravuras do Renascimento dentro da tradição alemã e dos Países Baixos, à qual a gravura de Linschoten claramente pertence. Mais do que realizar um registo topograficamente correcto, o objectivo dos artistas gráficos era o de executar um “retrato” de uma cidade, que incluísse as suas características mais marcantes e que a distinguissem de qualquer outra cidade⁷¹. Para além da topografia, eram os grandes edifícios públicos e privados que mereciam uma representação mais fiel, enquanto as casas comuns eram registadas de um modo anónimo e tipificado. O grande problema que perspectivas aéreas como esta de Velha Goa colocavam aos artistas era o da impossibilidade de seleccionar uma única perspectiva ideal para que todos os monumentos ficassem representados do ângulo mais favorável a um rápido reconhecimento. Em consequência, estes edifícios eram por vezes rodados da sua posição original, de

⁷¹ Jan GRIETEN e Paul Huvenne, “Antwerp Portayed”, in *Antwerp, Story of a Metropolis, 16th-17th century*. Catálogo da exposição na Hessenhuis, Antuérpia, de 25.06 a 10.10.1993, Gent, Snoeck-Ducaju & Zoon, 1993, p. 70. Ver também Fernando MARÍAS, *El Largo Siglo XVI. Los Usos Artísticos der Renacimiento Español*, Madrid, Taurus, 1989, pp. 49-50.

modo a que na gravura aparecessem com o seu perfil mais marcante. Assim, a posição da igreja de Santa Catarina, registada como sé na gravura de Linschoten, pode muito bem ter resultado da prática atrás descrita⁷².



Fig. 15 – Velha Goa: Capela de Santa Catarina. Postal dos fotógrafos D' Souza & Paúl, Panjim, finais do século XIX ou princípios do século XX (arquivo do autor).

A capela de Santa Catarina

A capela de Santa Catarina (figs. 2 e 15) assinala o local das desaparecidas muralhas da cidade pré-portuguesa onde se abria a porta por onde entraram os soldados de Afonso de Albuquerque na tomada de Velha Goa em 1510. Gaspar Correia é provavelmente o primeiro a mencioná-la, embora referindo-se-lhe como igreja, mais à frente neste parágrafo:

“(...) a qual casa de moeda (o governador, Afonso de Albuquerque) fez onde ora he a rua que vai por detrás das casas do bispo; e no proprio lugar em que estão as casas mandou fazer huma casa terrea comprida, em que fez espirital pera os doentes, (...). E junto da casa do espirital mandou fazer a casa de santa Caterina, que era de taipas e cuberta de palha, o que assy erão as outras casas, porque nom auia telha; (...).”⁷³

Este parágrafo é um dos trechos das fontes históricas que tem dado origem aos equívocos que se pretendem corrigir neste artigo. José Nicolau da Fonseca, autor oitocentista dos mais rigorosos na interpretação de fontes,

⁷² O mesmo parece ter acontecido com o Terreiro dos Galos e a igreja do Bom Jesus.

⁷³ G. CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, p. 158.

incluiu esta citação nas referências à igreja efémera de taipa e palha antecessora da igreja de Santa Catarina⁷⁴, o que foi repetido por outros autores, inclusivamente por mim próprio⁷⁵. Mas é precisamente esta proximidade do Hospital Real que nos prova que Gaspar Correia não se pode estar a referir à igreja efémera antecessora da igreja de Santa Catarina, que, como sabemos, se situava perto do Terreiro do Sabaio. Embora o local do Hospital Real não esteja inequivocamente identificado (tenho dúvidas acerca da sua identificação na conhecida planta das Obras Públicas de 1910⁷⁶, fig. 16⁷⁷),

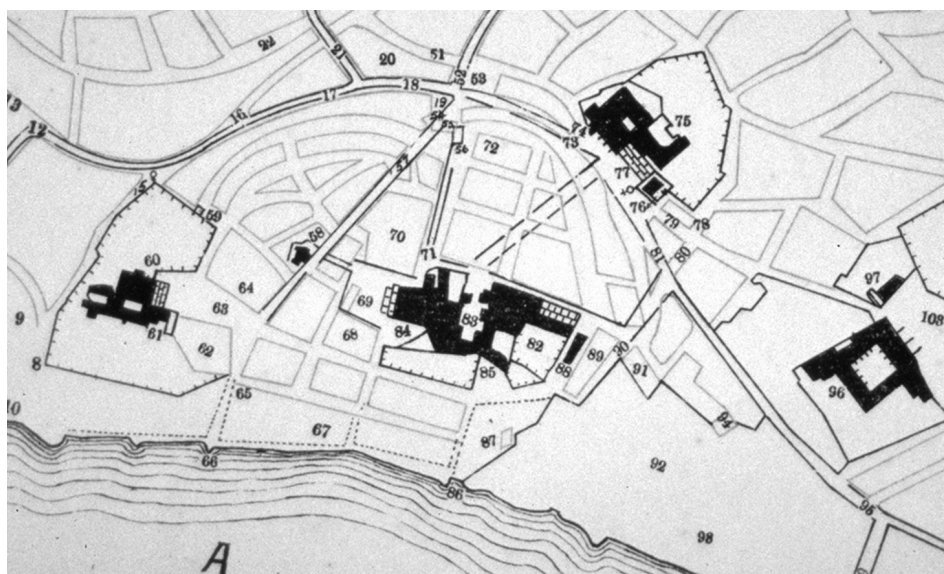


Fig. 16 – Planta de Velha Goa da Direcção das Obras Públicas, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Cartografia 659). 57 – Rua Direita; 65 – Arco dos Vice-Reis; 66 – Cais da Fortaleza ou dos Vice-Reis; 69 – Terreiro do Sabaio; 70 – Local do Palácio da Inquisição; 82 – Convento de S. Francisco; 83 – Palácio do Arcebispo; 84 – Sé de Goa; 86 – Cais de Santa Catarina; 87 – Aljube; 88 – Capela de Santa Catarina; 89 – Local do Hospital Real; 92 – Local do Arsenal.

⁷⁴ J. N. FONSECA, *An Historical...* cit., pp. 198-199.

⁷⁵ Padre M. J. Gabriel de SALDANHA, *História de Goa (Política e Arqueológica)*, vol. II, Nova Deli, Madrastra, Asian Educational Services, 1990 (fac-simile, Nova Goa, 1926), pp. 3-4; Ricardo Michael TELLES, "Igrejas, Conventos e Capelas na Velha Cidade de Goa", in *O Oriente Português*, n.º 1, Bastorá, Dezembro, 1931, p. 32; António Nunes PEREIRA, *Die Kirchenbauten in Alt-Goa in der zweiten Hälfte des 16. und in den ersten Jahrzehnten des 17. Jahrhunderts. Zur Entstehung eines Sakralbautypus*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Arquitectura da RWTH Aachen, 2002, pp. 50-51 e nota 359, e A. N. PEREIRA, *A Arquitectura...* cit., pp. 79-80 e nota 6.

⁷⁶ Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa: Cartografia, 659.

⁷⁷ Gaspar Correia localiza o dito hospital "por detrás" das casas do bispo, ou seja, para o lado norte, junto ao rio (ver citação acima, referenciada na nota 71). Também a legenda da gravura de Linschoten indica uma localização em concordância com a de Gaspar Correia. No entanto, nesta planta das obras públicas o Hospital Real está assinalado a poente tanto da sé como do antigo convento de São Francisco (a planta está sensivelmente orientada a sul), o que diverge da informação destas fontes coevas.

Gaspar Correia diz-nos que se situava a norte da residência dos arcebispos e do convento de S. Francisco. Estamos portanto aqui perante uma segunda “casa” temporária de taipa, coberta de folhas de palha (Gaspar Correia não menciona aqui folhas de ola), que é forçosamente a estrutura antecessora da Capela de Santa Catarina de 1550. Ainda neste mesmo parágrafo, o cronista continua a descrever esta capela efémera de Santa Catarina, fornecendo-nos uma informação importante:

“(...) na qual igreja sómente estaua hum altar com hum pentura na parede da bemaumenturada santa Caterina. E proque ally estauão perigosos os ornamentos, por a casa assy ser fraqa, e mal fechada, e perigosa do fogo, (o governador) ordenou que dentro no castello, em hum varanda das casas, que era grande, se dicessem as missas; o que se fez por muyto tempo, esperando de fazer as igreja como cumpria. E a aruore grande do terreiro ficaua na porta principal da igreja, como ora está.”⁷⁸

E é mais uma vez o insubstituível Gaspar Correia que nos informa quando se ergueu uma estrutura mais duradoura, no capítulo em que relata as actividades do governador Jorge Cabral no ano de 1550:

“E fez de nouo hum casa do orago da bemaumenturada Santa Caterina, sobre o muro da cidade, que foy ally huma porta per que a cidade foy entrada e tomada por Afonso d’Albuquerque, em dia de Santa Caterina do anno de 1510, e por esta lembrança estaua ally huma capella pequena, e o Gouvernador a mandou fazer em corpo grande, e com retauolo, e bem concertada, pera n’ella dizer missa em dia da bemaumenturada santa, que a cidade faz muyta festa, e com solene procissão vem ally fazer sua festa cad’ano no seu dia.”⁷⁹

Uma lápide que se encontra na parede nascente da actual capela de Santa Catarina confirma parcialmente a informação de Gaspar Correia (figs. 17 e 18):

“AQUI NESTE LVGAR ESTAVA A PORTA PORQVE ENTROU O GOVERNADOR A DALBOQUERQUE E TOMOU ESTA CIDADE AOS MOUROS Ë DIA DE SANTA CATARINA ANO DE 1510 EM CVJO LOVVOR E MEMORIA O GOVERNAD^{OR} JORGE CABRAL MÃDO FAZER ESTA CASA ANO DE 1550 À CUSTA DE SA”

⁷⁸ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. II, pp. 158-159.

⁷⁹ CORREIA, *Lendas...* cit., vol. IV, p. 716.



Fig. 17 – Velha Goa: Capela de Santa Catarina, parede nascente (1995).



Fig. 18 – Velha Goa: Capela de Santa Catarina, lápide na parede nascente (1995).

Esta lápide foi por sua vez citada pelo padre Sebastião Gonçalves, que também nos dá uma informação adicional:

*“Também defronte da cerca de S. Francisco está a ermida de Santa Catarina de Monte Sinay, a qual mandou fazer à custa de d’El-Rey o governador Jorge Cabral na era de 1550, no mesmo lugar onde em tempo de mouros estava a porta polla qual Afonso de Albuquerque entrou quando tomou a segunda vez Goa. Esta capella se renovou no anno de 1607, ficando no lugar onde foy a porta hum letreiro que contém o que agora acabei de escrever.”*⁸⁰

A capela de Santa Catarina teve portanto uma terceira campanha de obras em 1607. O texto de Sebastião Gonçalves não é contudo suficientemente elucidativo para nos informar até que ponto estas obras alteraram ou não profundamente o edifício de 1550. O maior indício de uma remodelação de fundo neste ano de 1607 é visível na própria fachada, na sua feição original (fig. 15) antes das alterações dos anos de 1951-1952⁸¹. Com efeito, este tipo de articulação em grelha constituída por elementos clássicos de feição semelhante em todos os pisos, muito próximos da ordem toscana, em que os entablamentos dividem a fachada em pisos e as pilastras dividem os pisos em panos, desenvolveu-se em Velha Goa durante a segunda metade do século XVI, tendo a sua evolução atingido o auge nas igrejas do Bom Jesus e de Nossa Senhora da Graça, iniciadas respectivamente em 1594 e 1597⁸². É portanto muito mais plausível datar a fachada da capela de Santa Catarina do ano de 1607 do que do ano de 1550, altura em que o processo de introdução do Renascimento na Índia portuguesa se tinha apenas iniciado.

Conclusão

A análise das fontes escritas e desenhadas, e o estabelecimento da sua correspondência com as diferentes casas de Santa Catarina foi uma tarefa complexa. Em alguns (poucos) casos permanece uma réstia de dúvida acerca da sua significação, embora eu esteja crente de que interpretação apresentada neste artigo é não só consistente, mas também a mais coerente possível em relação às informações conhecidas. Este estudo permitiu também a elaboração de duas hipóteses acerca da localização da igreja de Santa Catarina, partindo do pressuposto que a capela baptismal desta foi integrada no edificado da actual Sé de Goa com as mesmas funções.

Não nos podemos esquecer no entanto dos vestígios arqueológicos de Velha Goa. De facto, a antiga cidade não desapareceu tão radicalmente como

⁸⁰ S. GONÇALVES, *Primeira Parte...* cit., vol. III, p. 294.

⁸¹ Francisco Xavier da COSTA, *Resumo Histórico da Exposição das Sagradas Relíquias de S. Francisco Xavier em 1952*, Bastorá, s/editora, 1954, p. 14.

⁸² A. N. PEREIRA, *A Architectura...* cit., pp. 171 e 291-292.

parece sugerir uma visita à sua antiga área urbana, hoje reduzida a enormes igrejas “implantadas” em homogéneos palmares e lisos relvados. O saneamento de Velha Goa de 1948-1952⁸³ não foi certamente rigoroso a ponto de ter destruído a cidade ao nível do subsolo. Este guarda ainda preciosas informações acerca da antiga capital do extinto Estado da Índia, que muito nos poderiam ajudar a esclarecer uma série de mistérios por resolver e a confirmar (ou não) a presente interpretação das fontes escritas e desenhadas.

Através de uma inspecção arqueológica poder-se-ia resolver muitas das questões em aberto referentes à desaparecida arquitectura de Velha Goa. Mas um dos enigmas mais prementes, pelo menos no contexto deste artigo, refere-se naturalmente à igreja de Santa Catarina. Como aqui se demonstrou, as fontes históricas e a sua interpretação permitem a formulação de algumas hipóteses de localização, sem que seja possível chegar a uma conclusão definitiva. Apenas uma campanha arqueológica poderia elucidar esta questão, como outras questões com esta primeira igreja paroquial e simultaneamente primeira sé portuguesa do Oriente.

⁸³ F. X. COSTA, *Resumo...* cit., p. 14. Segundo este autor, o saneamento de Velha Goa alterou consideravelmente o estado e aspecto da antiga cidade: “Entupiram-se centenas de poços de água estagnada que eram o viveiro de mosquitos veiculadores de paludismo, desbastou-se o arvoredado crescido, nivelando altos e baixos das ruínas de edifícios, (...)”